



DOMINGOS  
AMARAL

PRIMEIRO *romance* DO AUTOR

AMOR  
À PRIMEIRA  
VISTA

7ª EDIÇÃO

Uma história rica e cativante de amor, sexo, ambição e intriga.  
Uma escrita com um charme inimitável.



*à minha filha Carolina*

1

— Já alguma vez apareceste na televisão? — perguntou Nuno.

— Eu? Claro. É todos os dias. Não me tens visto? — retorquiu Pedro, antes de dar um gole final no seu café.

— Tou a falar a sério. Já alguma vez falaste na televisão? — insistiu Nuno.

— Não, nunca. E tu?

— Também não. Mas vamos aparecer, um dia destes.

— Vamos?

— Vamos. Toda a gente tem de aparecer na televisão. Mais tarde ou mais cedo, todos havemos de aparecer — explicou Nuno.

— E, já agora, importas-te de explicar porquê?

— É fatal. Cheguei a esta conclusão outro dia, a ver o telejornal.

— Como?

— Comecei a contar o número de pessoas que aparece num telejornal, e são imensas — disse Nuno.

— Contaste o número de pessoas que aparecem num telejornal?

— Sim, contei.

— E quantas eram? — perguntou Pedro.

— À volta de vinte e cinco.

— Tantas?

— É uma espécie de média. Em média são vinte e cinco. Há que somar as que aparecem só uma vez durante o telejornal, e depois ponderar, porque há as outras que aparecem muitas vezes. Os pivôs, os ministros, os dirigentes desportivos. Esses são cromos repetidos e não se devem contar — dissertou Nuno.

— Mas contaste mesmo?

— Contei. A primeira reportagem tinha seis pessoas, e era sobre um crime numa aldeia. Um sobrinho que esfaqueou uma avó, não sei bem porquê. O sobrinho não apareceu. Nem a avó esfaqueada, claro. Mas em compensação apareceram três vizinhas velhotas, que diziam que o rapaz era um rapaz calmo, para variar. E dois homens que disseram que aquilo eram assuntos de família. Como quem diz que, até certo ponto, essas coisas são compreensíveis...

— Só contei cinco — disse Pedro.

— Cinco, mais o guarda da GNR, que também botou discurso, dá seis — esclareceu Nuno acrescentando: — Na reportagem seguinte apareceram mais três pessoas: dois drogados do Casal Ventoso a explicar como é que compram heroína, e como é que arranjam dinheiro, e depois uma funcionária do gabinete de apoio, ou lá o que era, a dizer que faltavam meios para o combate à droga...

— Em Portugal nunca há «meios». Há sempre «falta de meios». É estranho. As pessoas queixam-se sempre de «falta de meios». Fins, há muitos; princípios, também há muitos; agora meios, isso é que não. Nunca há meios.

— Dás licença? — perguntou Nuno. — Ainda não acabei...

— Continua lá ó matemático...

— A reportagem seguinte era sobre um hospital. Aparecia um casal a queixar-se de negligência, mais uma enfermeira e o director do hospital. Quatro pessoas. Já vamos em treze — contou Nuno.

— E a seguir?

— Três alentejanos a queixarem-se do estado de miséria a que chegou o Alentejo. Depois veio o governo, com vários secretários de Estado, os ministros e o primeiro-ministro, e depois os dirigentes de futebol, lá por causa dos draminhas do costume.

— E esses contam? — perguntou Pedro.

— Só dois ou três. Os outros temos de os descontar no fim, pois aparecem em todos os telejornais.

— Já vamos em dezanove, não é?

— Seguiram-se três ciganos, a protestar contra a demolição das suas barracas, e o presidente da Câmara local a explicar porque é que demolia tudo.

— Adoro demolições.

— Junta-lhe mais uns três ou quatro portugueses, trabalhadores, ou agricultores, e lá estão: vinte e cinco. Agora, multiplica por quatro, e dá cem. Cem pessoas por dia nos telejornais portugueses. Se pensarmos que o ano tem trezentos e sessenta e cinco dias, ficamos com a bonita conta de trinta e seis mil e quinhentas pessoas por ano. Só em telejornais. É imensa gente.

— Só em telejornais.

— Pois. Agora soma as assistências dos concursos e dos debates. Quantas pessoas em média?

— Por concurso?

— Sim. Quantas? Talvez cinquenta, não?

— Para aí.

— Em cada canal devem existir talvez oito programas desses. Por isso, numa semana, cada um deles apresenta quatrocentos portugueses diferentes na televisão. Ou seja, os quatro apresentam, por semana, mil e seiscentas pessoas diferentes.

— O que dá por ano, mil e seiscentos vezes cinquenta e duas semanas, dá... — e Pedro fez a conta de cabeça — para aí oitenta e tal mil pessoas por ano, não é?

— Oitenta e três mil e duzentas, mais precisamente.

— Achas que são as mesmas que aparecem nos telejornais? —

perguntou Pedro.

— Não. São pessoas com caracteres diferentes. Uma pessoa só vai ao telejornal se for importante, ou se tiver de se queixar de alguma coisa. As pessoas que vão a concursos são diferentes. Malta despreocupada...

— Então achas que devíamos somar os dois números?

— Acho.

— O que dá... Mais coisa menos coisa... cento e vinte mil pessoas por ano!

— Exactamente. E sabes o que é que isso quer dizer?

— O quê?

— Em menos de dez anos, todos os portugueses terão aparecido pelo menos uma vez na televisão. Espantoso, não é?

— Achas que é por isso que as pessoas gostam tanto de ver televisão? — perguntou Pedro.

— É provável que as coisas andem relacionadas. Toda a gente deve ter um primo, ou um amigo, ou alguém conhecido que já apareceu na televisão, e toda a gente está sempre disponível para aparecer. Conheces alguém que recuse ir à televisão?

— Não. Quer dizer, que eu saiba não. Mas, por acaso, nunca ninguém da minha família foi à televisão.

— Nunca?

— Nunca — disse Pedro. — Queres outro café?

— Quero. Pede aí. Nem dos teus amigos?

— Assim que eu me lembre não — disse Pedro, acenando ao empregado.

— A tua mulher-a-dias?

— Por acaso, agora que me dizes... Ela não, mas acho que houve alguém da família dela que foi a um concurso, um desses onde se ganham prémios. Acho que foi o sobrinho. Ganhou um microondas. E uma torradeira.

— Vês?

— Deve ter alguma coisa a ver com a luz — disse Pedro, como quem anuncia uma descoberta surpreendente.

— Com a luz?

— Sim. As pessoas gostarem tanto de aparecer e de ver televisão, deve ter alguma coisa a ver com a luz. Há muita luz, muita cor, muito movimento. As pessoas gostam disso. A luz dá graça à vida, e as pessoas teriam uma vida mais chata se não fosse a luz da televisão — explicou Pedro.

— E o brilho?

— O brilho também. Por acaso na nossa televisão está sempre tudo a brilhar. Já reparaste que os aros dos óculos dos apresentadores brilham, e as lentes fazem reflexos?

— Já.

— Deve ter a ver com isso. Eles têm aqueles focos enormes sobre eles, apontados, e por isso ficam brilhantes, luzidios. É desconfortável, mas resulta. As pessoas ficam atraídas.

— Isso é só uma das razões — avançou Nuno. — Não se pode explicar o sucesso da televisão só pela luz.

— Eu não disse que era a única razão — retorquiu Pedro.

— Mas para ti deve ser a mais importante. Se falaste nisso é porque achas importante, não é?

— Não só mas também.

— Não só mas também, não só mas também — repetiu Nuno. — Que mania que tu tens de responder sempre assim! Depende, talvez, não sei bem, não só mas também. Assim não vais longe... Que falta de carisma!

— Vai à merda!

— O quê?

— O quê o quê?

— O que é que disseste? — perguntou Nuno.

— Nada. Não disse nada.

— Ai isso é que disseste. Disseste «vai à merda»!

— Ah. Isso...

— É um bocado melhor. «Vai à merda», é um bocado melhor do que «não só mas também».

— Porquê? — perguntou Pedro. — «Vai à merda» tem carisma?

— Tem. Revela carácter, objectivo, vontade. «Não só mas também» não quer dizer nada. «Vai à merda» quer.

— És mesmo cansativo — afirmou Pedro. — O que é que estás a querer provar?

— Nada. Aliás, eu estava a falar sobre televisão, tu é que desviaste o assunto, com o teu «não só mas também».

— Claro — disse Pedro, e encolheu os ombros.

— Acho que tem a ver com o número de pessoas que lá aparece — afirmou Nuno.

— Lá aonde?

— Na televisão.

— Ah. Por acaso, não conheço mais ninguém que tenha ido à televisão, tirando os directores do nosso jornal, claro...

— Eu conheço — disse Nuno.

— Quem?

— Uma rapariga da meteorologia. Foi namorada de um amigo meu.

— Eu não conheço ninguém — repetiu Pedro.

— Sabes quem é que eu gostava de conhecer?

— Quem?

— A que apresenta aquele concurso novo da CTV.

— Qual?

— Aquela, do Amor à 1.<sup>a</sup> Vista. Chama-se Raquel Barros — disse Nuno.

— Não sei. Nunca vi. É novo?

— É. Começou ontem. É uma parvoíce, mas ela é muita gira. Um chuchu — disse Nuno.

— Tenho que ver. Por acaso não gravaste? — perguntou Pedro.

— Por acaso, acho que estás com sorte. Queres que te traga a casete amanhã?

— Já agora...

Daniel não costumava ser assim, mas Raquel admitiu que o facto de ela ter aceite o seu pedido de casamento o podia ter mudado, tornando-o mais dado a atitudes românticas como aquela cujo resultado tinha chegado à alguns minutos, entregue pelo pacote da produtora. Um enorme ramo de flores. Rosas e malmequeres misturados por mão sabedora numa loja, com um cartãozinho onde além de uma mensagem escrita por ele, uma jura de amor eterno bastante previsível, vinha uma frase escrita em inglês. Um dizer que começava na parte da frente do cartão, onde um gatinho redondo a mirava com um olhar lânguido que pareceria a qualquer outra rapariga amoroso, dizendo «*When I'm thinking of you...*», e continuava lá dentro, onde o gatinho, sempre a olhar para ela mas agora com um ar lunático, pretendia voar, enquanto a frase esclarecia, «... *I believe I can fly*».

— Flores! Uau! Quem é que te mandou? — perguntou Manuela, que entrara na salinha naquele momento e pegou logo no ramo.

— Achas que um homem que mistura malmequeres com rosas gosta de ti? — perguntou Raquel.

— Pelo menos manda-te flores, o que já não é mau — disse Manuela, que era a assistente de Raquel no programa de televisão, e já conhecia algumas das dúvidas que habitavam permanentemente aquele coração. — Uma vez a mim houve um que me ofereceu uma jarra, e disse-me que eu devia pô-la no meu quarto, para quando me oferecesse flores eu já saber onde as pôr.

Raquel riu-se e perguntou o que é que Manuela lhe tinha dito. A outra respondeu que nada, que da vez seguinte, quando ele telefonou para a convidar a jantar fora, inventou uma desculpa, e não foi, e foi sempre inventando desculpas até ele desistir, porque não lhe parecia que um homem que oferece uma jarra antes de oferecer uma flor valha sequer um jantar.

— E qual é a razão das flores?

— Sei lá — respondeu Raquel. — Apeteceu-lhe.

— É querido, mandar assim flores, sem mais nem menos.

Raquel não a esclareceu, não queria que se soubesse já do seu futuro casamento. Não só porque uma notícia como aquela iria ser imediatamente comentada por toda a gente na CTV. Mas também porque iria logo aparecer nas capas das revistas de televisão, com títulos como «Estou totalmente apaixonada e vou casar» ou «Quero ter vários filhos»; e nas colunas sociais de mexericos, aonde iriam seguir toda a sua vida com inconveniência, na habitual prosa desleixada. E principalmente porque sabia que a notícia do seu casamento poderia não agradar muito a Isabel Machado, a directora de programação da CTV, que invocaria logo as implicações negativas que uma notícia dessas poderia ter na imagem da apresentadora de um programa chamado Amor à 1.<sup>a</sup> Vista. Um programa onde rapazes e raparigas tentavam encontrar o amor das suas vidas, sujeitando-se a uma quantidade de provas eliminatórias e ganhando uma viagem às Caraíbas no fim, não era um programa indicado para uma apresentadora que ia casar. Quase que a podia ouvir a dizer «Raquel, tu és a apresentadora, tu não te apaixonas, tu só apresentas, e apresentas porque és bonita, falas bem e os homens todos pensam que um dia talvez se possam também apaixonar por ti. Se eles sabem que tu vais casar o programa perde a graça toda e as audiências caem». Sim, ela percebia tudo isso, mas como não lhe apetecia escutar esse desagradável reparo, decidiu preservar o segredo.

— A gravação começa daqui a meia hora. É melhor começares a pensar em ires para a caracterização — avisou Manuela.

Naquela quarta-feira à tarde iam gravar o programa que seria emitido na semana seguinte. Amor à 1.<sup>a</sup> Vista tinha ido para o ar pela primeira vez há apenas três semanas. Embora Raquel tivesse sido escolhida para apresentadora em finais de Junho, só em meados de Outubro é que o programa entrara pelas casas das pessoas, e entrara bem. As audiências foram subindo, programa a programa, e agora já se dizia que mais de quinhentas mil pessoas viam semanalmente o concurso, uma ideia original americana comprada e adaptada pela

CTV. Raquel não podia deixar de estar contente, até porque toda a gente comentava que era ela que trazia muitos espectadores, especialmente os masculinos. «É bonita, é boazona, é simpática e diz poucos disparates» terá dito uma vez dela Isabel Machado, numa reunião relatada e comentada sem demoras nos corredores da estação. Raquel soube. Madalena, que lhe contara, impressionou-se ligeiramente com a tranquilidade dela quando comentou:

— A parte dos poucos disparates é que é a importante.

Quando entrou no estúdio, já caracterizada e vestida, de ombros à mostra, pintada como se aquele fosse o dia mais importante da sua vida, Raquel ainda ia a pensar que o essencial naquele emprego era não antagonizar a directora, famosa pelas suas implicações pessoais. Por isso teria de se esforçar na arte de administrar os silêncios e emudecer os comentários, calando a irritação que a mulher lhe provocava, com as suas ordens imprevisíveis, os seus *tailleurs* carregados de arrogância, e o seu poder, quase absoluto, sobre a vida na CTV.

— Raquel, o microfone. Vamos começar a gravar daqui a três minutos — informou uma criatura de *jeans* e *T-shirt*, cuja cabeça estava envolvida por um aparelho, como se fosse um piloto de aviões. O instrumento era apenas um telefone por onde Rui, o director de produção do concurso, enviava mensagens.

A música nasceu no estúdio, uma melodia não totalmente desprovida de ritmo, e que ela já se habituara a cantarolar no chuveiro.

*Um dia sem que esperes  
emoções crescem em ti  
e antes de o veres  
o amor passa por aqui*

*Não, não há quem resista  
Ao amor à primeira vista  
E se duvidar, insista  
É amor à primeira vista*

Raquel pegou no microfone, olhou para cima e viu Rui, que lhe devolveu um sorriso. A apresentadora virou-se e enfrentou uma das câmaras, acompanhando o teleponto.

— Olá, boa noite! Bem-vindos a mais um Amor à 1.<sup>a</sup> Vista, onde todos os seus desejos se podem tornar realidades. Onde um dia você pode encontrar o homem com quem sempre sonhou, ou a rapariga que o vai fazer feliz para sempre.

Na plateia, o público aplaudia e ouviam-se mesmo alguns assobios. De um dos lados, lá pela terceira ou quarta fila, um pequeno cartaz proclamava «Susana, escolhe bem, estamos contigo». As luzes, azuis e cor-de-rosa, projectavam-se sobre o cenário. Raquel andou alguns passos, aproximou-se de um grande coração, cor-de-rosa-brilhante com um rebordo prateado, e continuou:

— Como sabem, vamos ter esta noite aqui mais dez raparigas e dez rapazes, todos solteiros e todos disponíveis para encontrar o seu amor. Todos eles passarão pelas várias eliminatórias até que no final se encontre o bonito casal que descobrirá, aqui e agora, o seu respectivo amor e que ganhará o nosso prémio, mil contos em dinheiro e uma fantástica viagem à ilha da Martinica, nas Caraíbas. Se ninguém ganhar, já sabem, o prémio em dinheiro soma-se ao da próxima semana.

O público rejubilou em aplausos e assobios de contentamento. A ideia de mil contos em dinheiro, somados a uma viagem a uma ilha tropical, cheia de coqueiros e praias de mar azul e transparente, onde o casal escolhido poderia passear em trajes de banho e dar largas às suas fantasias, fazia obviamente furor entre a plateia. O que só levava a produção do programa a insistir no prémio pecuniário e no destino, imposto por uma agência de viagens que patrocinava o concurso.

Raquel virou-se para uma outra câmara, que a filmava de baixo para cima, dando o primeiro plano a uma das suas pernas, que espreitava o mundo através de uma saia bem rachada. Um pormenor a que o produtor dava considerável importância. Fáz-los sonhar a todos, dizia Rui, e Isabel Machado aprovava. O vestido comprido,